



Ter previsibilidade maior de como a economia vai andar no futuro é importante porque o comércio depende também do chamado ativismo, isso é, de como a economia vai se comportar.

Carlos Thadeu de Freitas
Economista-chefe da CNC



Jornal do Comércio

9

QUARTA-FEIRA, 23 DE OUTUBRO DE 2013



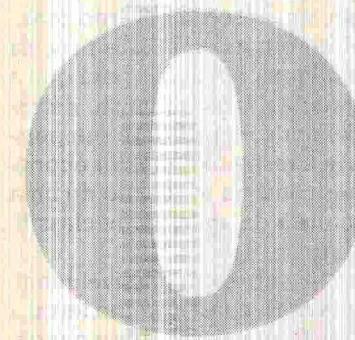
Setores sentem os efeitos de uma política econômica que não permite planejar com precisão o médio e o longo prazos. Empresários e economistas acreditam que o Brasil precisa ter uma agenda mais clara e, principalmente, de longo prazo no que diz respeito às políticas econômica e fiscal.



Investimentos

Faltam regras estáveis e previsibilidade na economia

MARTA VALIM



Os empresários são unânimes em afirmar que para tomarem a decisão de investir não basta uma economia estável, é preciso também regras estáveis e certo nível de previsibilidade na economia. Nos últimos dez anos o País conquistou mais estabilidade econômica em relação a décadas passadas. Depois da crise financeira mundial em 2008 desencadeada

pelos EUA, contudo, o cenário promissor mudou. O crescimento do PIB não se sustentou e a percepção externa sobre o País se deteriorou.

Tessa alteração abrupta no ambiente macroeconômico trouxe incertezas por causa da falta de previsibilidade. O economista Cristiano Souza, do Santander, concorda que regras claras e estáveis são fundamentais para os investidores. Para ele, porém, o País tem pecado nesse ponto.

"A gente vê mudanças de orientação nos setores, nas contas públicas, na inflação o tempo todo. Você coloca uma dúvida a mais, porque aí, não é só você pagar o custo Brasil que é alto, é saber que as regras não são exatamente as fixadas ao longo do tempo. Você pode até topar esse 'pacotão', mas vai precisar de uma rentabilidade muito alta", observa Cristiano Souza.

Para quem quer investir não existe cenário pior do que não saber ao certo os rumos em longo prazo da política de juros, da inflação, da taxa de câmbio e outros fatores indispensáveis em qualquer planejamento empresarial.

"Ter previsibilidade maior de como a econo-

mia vai andar no futuro é importante porque o comércio depende também do chamado ativismo, isso é, de como a economia vai se comportar. Na medida em que se tem entraves como taxas de juros altas, dólar muito valorizado, isso prejudica o comércio", afirma Carlos Thadeu de Freitas, chefe da divisão Econômica da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC).

E não só no comércio. Outros setores também sentem os efeitos de uma política econômica que não permite planejar com precisão o médio e o longo prazos. Os empresários lembram que o funcionamento eficiente do setor privado pressupõe a existência de normas claras e estáveis que garantam segurança dos empreendedores.

É nesse ponto que o Brasil precisa avançar mais, diz Geraldo Santa Catharina, diretor financeiro e de relações com investidores da Randon S/A, conglomerado de 11 empresas que at-



O Brasil carece de políticas de longo prazo, até para lidar com as oscilações do cenário externo.

Geraldo Santa Catharina

Diretor da Randon



ma de estabilidade de regras".

Empresários e economistas creem que o Brasil precisa ter uma agenda mais clara e principalmente, de longo prazo, no que diz respeito às políticas econômica e fiscal. Só assim o setor produtivo terá maior previsibilidade e melhor planejamento para que possa investir mais.

Deteriorização que se acentua ano a ano

A economia brasileira ainda é atrativa para os investidores nacionais e internacionais. O sistema financeiro é sólido e as instituições garantem segurança jurídica para se fazer negócios. Os indicadores mostram, contudo, uma clara deterioração que está se acentuando a cada ano. A dificuldade de expansão do PIB mostra isso.

Os economistas são unânimes em afirmar que os dilemas macroeconômicos no Brasil não serão resolvidos sem profundos debates, reformas estruturais, mudanças legais e planejamento eficiente. Sem uma mudança na política macroeconômica o País não vai retomar a trajetória de crescimento com estabilidade.

O governo precisa reduzir a escalada das despesas, o déficit em conta corrente tem de ser controlado e financiado, os juros não podem ser proibitivos e a inflação tem de ser contida para não corroer o poder de compra dos consumidores. Nesse cenário macro, as variáveis estão interligadas e têm de ser observadas em conjunto.

O Brasil teve do ano 2000 a 2008 uma conjuntura externa e doméstica favorável. O boom de commodities, o crescimento da China, a expansão do crédito, além do excesso de mão de obra disponível, foram alguns dos fatores que contribuíram para que o País crescesse.

Os benefícios foram generalizados, principalmente com a redução da desigualdade social, um dos nossos maiores problemas brasileiros. Como ressalta, no entanto, o economista Mansueto Almeida, do Ipea, o cenário internacional mudou.